

**Retórica, *uitae* e recepção: os *genera dicendi* na recepção virgiliana e seu eco nas antigas *uitae***

Liebert de Abreu Muniz  
Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA)  
liebertmuniz@yahoo.com.br

**RESUMO:** O presente artigo analisa os *genera dicendi* na construção da recepção virgiliana. A retórica antiga representou uma disciplina que propôs uma primeira reflexão sistemática sobre linguagem (DUCROT & TODOROV, 1998, p. 79), com princípios, categorias e método. Ela instrumentalizou autores e leitores na produção e crítica das obras literárias clássicas. Uma fonte valiosa para traçar o percurso da retórica literária e da recepção são as antigas *uitae*. Partindo de um caso das *Geórgicas* 2.58, Lúcio Aneu Sêneca (*Ep.* 86), 4 a.C. – 65 d.C., propôs uma síntese retórica para a compreensão do poema. Sêrvio Honorato, séc. IV d.C., amplia a síntese senequiana aplicando a noção de modelo, e as *uitae* antigas, como a *Vita Suetonii uulgo Donatiana* (séc. IV), *Vita Philargyrii I* (séc. V) a *Vita Vossiana* (sec. IX) e *Vita Noricensis I* (séc. IX), consolidam a recepção e tradição virgilianas. O resultado do percurso pelas *uitae* estudadas aponta para a construção da recepção de Virgílio em pontos da Idade Média Latina.

39

**Palavras-chave:** *Genera Dicendi*; Modelos; Gênero; *Vitae*; Recepção.

**Rhetorics, *uitae*, and reception: the *genera dicendi* in Virgil's reception and its echo in the ancient *uitae***

**ABSTRACT:** This paper analyses the *genera dicendi* in the construction of Virgil's reception. Ancient rhetoric represented a discipline that proposed a first systematic observation of the language (DUCROT & TODOROV, 1998, p. 79), with principles, categories, and method. It gave tools the authors and readers to produce and criticize classic literary works. A valuable source for tracing the course of literary rhetoric and reception is the ancient *uitae*. Starting from an occurrence on *Georgics* 2.58, Lucius Annaeus Seneca (*Ep.* 86), 4 B.C.E. – 65 C.E., proposed a rhetorical synthesis for the understanding of the poem. Servius Honoratus, IV A.D. extends the Senecan synthesis by applying the notion of model, and the ancient *uitae*, such as the *Vita Suetonii uulgo Donatiana* (IV A.D.), *Vita Philargyrii I* (V A.D.), *Vita Vossiana* (IX A.D.) and *Vita Noricensis I* (IX A.D.), consolidate the Virgilian reception and tradition. A journey through the

Retórica, *uitae* e recepção: os *genera dicendi* na recepção virgiliana e seu eco nas antigas *uitae*

mentioned *uitae* points to the construction of their reception of Virgil in Latin Middle Ages.

**Keywords:** *Genera Dicendi*; Models; Genre; *Vitae*; Reception.

## Introdução

Marcos Fábio Quintiliano (ca. 35-90 d.C.), em sua *Institutio Oratoria* 10.1.49, faz uma justa deferência a Homero: o poeta grego é uma espécie de exemplo, um oceano da arte da eloquência a partir do qual todos os rios e as fontes têm sua origem. Os heróis homéricos em muitos sentidos oferecem os paradigmas discursivos para os bons oradores. Em paralelo à demonstração homérica, a Retórica, como uma arte (uma *téchne*) ou como um sistema de formas de pensamento e linguagem, tem um desenvolvimento político e social mais específico.

Sob demandas políticas e sociais, em meados do séc. V a.C. em cidades como Siracusa, na Sicília, e Atenas, na Grécia, a Retórica antiga encontrou seu nascedouro. Mais uma prática do bem falar em público do que uma teoria, a Retórica enquanto uma arte foi construída para se tornar uma matéria possível de ser ensinada. Mesmo nas fases iniciais, a Retórica permitia a identificação de partes do discurso: prólogo, narrativa, argumento, contra-argumento e epílogo. Entre os gregos, tratados como a *Retórica* de Aristóteles ajudaram a construir um instrumento de análise literária e composicional dos mais produtivos. Entre os romanos, a Retórica adquire contornos escolares e passa a compor o sistema de formação do cidadão romano, da fase infantil à adulta. Desde cedo, o jovem romano deveria ser capaz de não só identificar, mas também de saber usar em seus discursos as formas da Língua e da Retórica latinas observáveis nos autores canônicos, nos poetas exemplares da *ars bene dicendi*.

Para além de um instrumento de análise literária, a Retórica antiga serviu de baliza para a composição das obras gregas e latinas e, na mesma medida, orientou a construção da recepção dos poetas e autores clássicos. Um exemplo sintomático relacionado à recepção das *Geórgicas* (G.) de Virgílio se encontra na carta 86 das *Epistolae Morales* de Lúcio Aneu Sêneca (ca. 4. a.C.-65 d.C.). O retórico latino nos deixou uma opinião, um parecer, pertinente sobre sua leitura das G. em meados do século primeiro d.C., um momento um tanto vizinho à época da publicação do poema (ca. 30/29 a.C.).

A referida epístola compõe uma descrição da vila que pertenceu a Cipião Africano (ca. 236-183 a.C.), célebre general romano que derrotou, na Segunda Guerra Púnica, em Zama (202 a.C.), o também famoso líder cartaginês Aníbal (247-183 ou 182 a.C.). O locutor da epístola convida seu amigo e endereçado, Gaio Lucílio Júnior, a refletir sobre o valor da rusticidade dos costumes praticados por Cipião. A carta começa com Sêneca, na vila, reclinado (*iacens*) diante dos manes e do altar onde – suspeita o autor – tão valoroso varão está

sepultado.<sup>1</sup> A *Ep.* 86 divide-se em duas grandes partes ou argumentos: em 1-13, Sêneca manifesta o grande desejo de contrapor a austeridade dos antigos romanos, tipificada pela figura de Cipião, ao requinte dos modernos (*Magna ergo me uoluptas subiit contemplantem mores Scipionis ac nostros*, “Assim, um grande desejo me sobreveio de observar os costumes de Cipião e os nossos”<sup>2</sup>). Na segunda, de 14 a 21 – marcada pela expressão *Haec si tibi nimium tristitia uidebuntur*, “Se estas coisas te parecerão demasiadas pesarosas” –, percebe-se uma mudança abrupta, e a narrativa move-se dos banhos públicos, modernos e refinados, para o campo. Então, uma lição de Egíalo, o atual proprietário da vila, é descrita: a de como transplantar um olival – certamente um método agrícola para a produção mais rápida de novos frutos. O verso 58 das *G.* 2, então, é citado na epístola como uma referência problemática à árvore que cresce até as gerações futuras:

*Te quoque proteget illa quae ‘tarda uenit seris factura nepotibus umbram’, ut ait Vergilius noster, qui non quid uerissime sed quid decentissime diceretur aspexit, nec agricolas docere uoluit sed legentes delectare.*

A ti também protegerá aquela [árvore] que ‘lenta aumenta a sombra aos descendentes distantes’ (*G.* 2.58), como disse nosso Virgílio, que não considerou que fossem ditas coisas **mais precisamente**, mas **mais elegantemente**, e não desejou **instruir** os camponeses, mas **agradar** os leitores.<sup>3</sup>

Detenhamo-nos, no entanto, no passo supracitado que repercutiu ao longo da recepção das *G.*, como veremos neste artigo. A questão pode ser posta do seguinte modo: Sêneca, reconhecendo problemas concernentes às técnicas agrícolas nas *G.*, parece sugerir que a interpretação do poema não seja de natureza tratadista, cujo propósito seria o de falar de modo mais preciso – leitura reconhecida por outros antigos receptores do poema virgiliano, principalmente Plínio e Columela –, mas de natureza artística, como uma

---

<sup>1</sup> Essa informação se encontra em Tito Lívio 38.53: *Vitam Literni egit sine desiderio urbis: morientem rure eo ipso loco sepeliri se iussisse ferunt monumentumque ibi aedificari, ne funus sibi in ingrata patria fieret* (“Ele passou a vida em Literno, sem anseio pela cidade: dizem que ele, ao morrer, ordenou que fosse sepultado em sua própria casa de campo e que um monumento ali fosse construído, para que seu funeral não se realizasse numa pátria ingrata.”).

<sup>2</sup> Excetuando as indicadas, todas as traduções no presente artigo são de nossa autoria.

<sup>3</sup> Todos os destaques ao longo do artigo são nossos.

espécie de elegante composição poética; o mantuano, na leitura de Sêneca, não pretendia instruir (*docere*), mas deleitar seus leitores (*legentes delectare*).<sup>4</sup>

Os termos latinos destacados notavelmente pertencem à terminologia retórica e parecem funcionar como ferramentas que auxiliam o autor da epístola a formar sua opinião sobre as *G.*<sup>5</sup> Sêneca sugeriu que o poema era de teor intrigante e estilo refinado; a linguagem campesina – que do ponto de vista técnico-agrícola apresentava incoerências –, parecia velar um sentido ou propósito mais primoroso, o de promover deleite a seus receptores. Numa perspectiva retórica, Sêneca parece refletir sobre a função (*officium*) das *G.*: *docere* e *delectare* estabelecem paralelos com as ideias presentes na epístola, ou seja, Virgílio teria falado de modo *uerissime* ou de modo *decentissime*, valorizando ou a precisão e veracidade dos fatos ou a beleza do discurso e do pensamento.

A questão retórica da função das *G.* em Sêneca nos dá acesso ao núcleo da retórica literária antiga, a saber, à *elocutio*. Os preceitos retóricos da *elocutio* ou do estilo, como uma das partes da elaboração de um discurso, muniram os antigos de categorias usadas como ferramenta de análise literária. Nesse sentido, a poesia de Virgílio<sup>6</sup> passou por esse crivo retórico, em especial, pela questão dos gêneros do estilo, dos *genera elocutionis* ou *genera dicendi*;<sup>7</sup> assim, a

<sup>4</sup> A oposição *docere-delectare* não priva os textos tratadistas de uma instância criativa. Matheus Trevizam (2014, p. 15-30) chama nossa atenção para a dimensão de *delectare* que a prosa técnica, mormente a latina, possui. A expressão dos textos técnicos, caracterizada pela seriedade do caráter tratadista, não representou um estorvo à literariedade de uma prosa bem elaborada.

<sup>5</sup> Sêneca emprega dois dos três graus da persuasão (*persuasio*) que dizem respeito à finalidade ou à função de um discurso na retórica latina. Os três graus são *docere*, *delectare*, *mouere* (cf. Quintiliano, *Ins.* 12.10.59). *Docere*, na poesia (como partícipe do gênero epidíctico), é o caminho didático praticado pelos poetas em sua atividade intelectual. *Delectare* é da própria natureza da poesia, suscita o prazer, conquista a atenção do leitor para a composição e para o poeta mesmo; é uma ferramenta afetiva que funciona de modo mais suave, tratando o caráter (ἦθος, *mores*), ou de modo mais impactante (πάθος, *páthos*). *Mouere* serve para levar o público ouvinte à ação em favor de uma causa (LAUSBERG, 1966, § 256-7). Esses graus não são estanques, seus limites se confundem; por vezes, aspectos de um perpassam aspectos de outro. Não obstante, a eficácia dos graus da *persuasio* é medida pelo princípio da conveniência ou do *decorum* (τὸ πρέπον), um correto ajuste do assunto ao estilo, ao lugar e ao público.

<sup>6</sup> Retórica, no estudo da poesia virgiliana, serviu como instrumento geral para observação de aspectos do estilo do poeta e dos temas em sua poesia. Diálogos, discursos e personagens, nas *Ecl.* e na *Aen.*, concentram aspectos retóricos; nas *G.*, do ponto de vista de uma poesia didática tradicionalmente entendida, a figura do mestre que tenta oferecer preceitos ao discípulo reproduz a finalidade retórica, a persuasão. Deve-se notar que Virgílio compôs antes do advento da declamação em Roma (T. REINHARDT, 'rhetoric (1)', in THOMAS, R. F.; ZIOLKOWSKI, J. M.), momento importante da educação oratória (BONNER, 1977, p. 250-327).

<sup>7</sup> As teorias dos gêneros do estilo (χαρακτήρ) são controversas: uma discussão sobre dois estilos, um grande e um plano, fica sugerida em Aristófanes (*Ra.* 1058-9); Demétrio de Falero (*ca.* 350 a.C.) descreve quatro estilos; em Roma, predominou a teoria dos três estilos. Aulo Gélcio (*ca.* 125-80 d.C.) descreve três gêneros, não só para a poesia (*in carmine*), mas também para a prosa (*in soluta oratione*): o primeiro é o *uber* ('abundante'), o segundo é o *gracilis* ('sutil') e o terceiro é o *mediocris* (mediano) (cf. *NA* 6.14). Dionísio de Halicarnasso (de datação incerta), professor de retórica em Roma, preconiza três estilos αὐστηρός, γλαφυρός ou ἀνθηρός e εὐκρατος (cf. *Comp.* 21). Por volta do século quinto d.C., Macróbio (*Sat.* 5.1.7) põe suas personagens em diálogo sobre uma teoria dos

opinião de Sêneca e a oposição *docere-delectare* podem também refletir sobre a questão de como situar o poema entre os *genera dicendi*.

A relação entre *genera dicendi* e as funções do discurso estava preconizada nos manuais de retórica latina antiga. O influente manual *Retórica a Herênio*, 4.6-11, oferece um tratamento detalhado dos três *genera dicendi* que são chamados de *genus graue* ou *grande*, *genus mediocre* e *genus humile* ou *extenuatum*. É em Cícero, *Orat* 21.69, no entanto, que se percebe uma coordenação entre os gêneros e as funções (*officia*) que exercem sobre os ouvintes, numa ênfase sobre o aspecto persuasivo do discurso:<sup>8</sup> “mas quantas são as funções do orador tantos são os gêneros do dizer, o tênue em demonstrar, o moderado em deleitar, o veemente em mover” (*sed quot officia oratoris tot sunt genera dicendi: subtile in probando, modicum in delectando, uehemens in flectendo*). O *docere* (também *probare*), que se ajusta melhor ao estilo humilde, é o caminho intelectual da persuasão, o *delectare* é o caminho afetivo que suscita o prazer (LAUSBERG, 1966, § 257).

Em Quintiliano, *Inst.* 12.10.58, os *genera* constituem-se de um tênue, de um elevado e de um intermediário entre os dois.<sup>9</sup> Em 12.10.59, os três estilos também são relacionados às funções ou aos *officia*:

*primum docendi, secundum mouendi, tertium illud, utrocumque est nomine, delectandi siue, ut alii dicunt, conciliandi praestare uideatur officium, in docendo autem acumen, in conciliando lenitas, in mouendo uis exigi uidebatur.*

O primeiro (o tênue) parece desempenhar a função de **instruir**, o segundo (o veemente) a função de **mover**, aquele terceiro, por qualquer das formas nomeadas (intermediário ou florido), a função de **deleitar** ou, como dizem alguns, a de **conciliar**;<sup>10</sup> ora, a agudeza parecia ser exigida ao **instruir**, a moderação ao **conciliar**, o vigor ao **mover**.

---

quatro gêneros: e em Virgílio se encontram os quatro gêneros. Seja como for, *genera elocutionis* ou *dicendi* são a expressão para o ensino dos níveis estilísticos que tratam da conveniência ou decoro (τὸ πρέπον, *aptum*) entre estilo e matéria (LAUSBERG, § 1079-82).

<sup>8</sup> Em Cícero, a relação pode ser ainda percebida no *Orat.* 5.20-6.22; *Brut.* 23.89; 49.185; 55.201-3; *De or.* 2.29.128-9; 52.211-53.215.

<sup>9</sup> *Namque unum subtile, quod ἰσχνόν uocant, alterum grande atque robustum, quod ἄδρὸν dicunt, constituunt, tertium alii medium ex duobus, alii floridum (namque id ἀνθηρόν appellant) addiderunt* [“Com efeito, a um tênue, que [os gregos] chamam ἰσχνόν, outro grande ou elevado, que [os gregos] chamam ἄδρὸν; acrescentou-se um terceiro, por alguns chamado de intermediário entre os dois, por outros, ‘florido’ (por isso [os gregos] chamam ἀνθηρόν)”].

<sup>10</sup> Uma tradução plausível para o verbo latino *concilio*, cf. *OLD* 2, “conquistar, atrair o favor de”; a acepção *OLD* 3, “tornar algo ou alguém aceitável, elogiar, estimar” também oferece uma leitura possível. A ideia seria de conquistar a simpatia ou a *beneuolentia*.

Ao final da seção, Quintiliano reforçará que a função do estilo ténue diz respeito principalmente ao processo de descrever e de demonstrar (*praecipueratio narrandi <probandi>que consistet*); e na seção seguinte, em 12.10.60, ele descreverá as *uirtutes* do estilo intermediário ou médio, descrição esta que se mostrará importante para as discussões a seguir:

*Medius hic modus et tralationibus crebrior et figuris erit iucundior, egressionibus amoenus, compositione aptus, sententiis dulcis, lenior tamquam amnis et lucidus quidem sed uirentibus utrimque ripis inumbratus.*

Esse estilo médio será mais abundante em metáforas e mais deleitável em figuras, agradável nas digressões, apto à composição artística, suave nas sentenças, tão brando quanto a corrente de um rio, lúcida, mas sombreada por ambas as margens verdejantes.

Assim, em linhas gerais, a configuração do estilo médio na retórica latina nos permite entender a opinião de Sêneca sobre as *G.*; parece-nos possível perceber um critério retórico que leva em conta os *genera dicendi*. Esse critério será recorrente entre os demais leitores antigos do poema, leitores instruídos e formados no sistema de ensino romano, que incluía o ensino de gramática, de literatura e de retórica.<sup>11</sup>

## 1. Sérvio Honorato, *genera dicendi* e a noção de modelo

<sup>11</sup> S. Bonner (1977) nos dá a indicação dos estágios da formação de um romano *bene educatus*, que passa pela formação moral e cultural em família, que adquire, porém, contornos institucionais nas escolas de gramática e literatura (p. 47-64) e nas escolas de retórica (p. 65-75); Quintiliano, *Inst.* 10.1.45 – ss., parece refletir, sinteticamente, traços desse sistema educacional entre os romanos; nesse passo, ele propõe uma lista de poetas que um bom orador deve ter em mente. Antes, porém, em 1.4.1-2, Quintiliano nos informa sobre os primeiros passos da educação do jovem orador e como a literatura serviria de parâmetro para o falar corretamente: *Primus in eo qui scribendi legendique adeptus erit facultatem grammaticis est locus. Nec refert de Graeco an de Latino loquor, quamquam Graecum esse priorem placet: utriusque eadem uia est. Haec igitur professio, cum breuissime in duas partis diuidatur, recte loquendi scientiam et poetarum enarrationem, plus habet in recessu quam fronte promittit.* [“Logo que ele primeiro tiver adquirido a faculdade de escrever e de ler, dá-se o momento dos gramáticos (professores de literatura). Não importa se me refiro ao de grego ou latino, embora seja conveniente primeiro o de grego: o método é o mesmo para ambos. Então, essa ocupação, uma vez que muito brevemente se divida em duas partes, o saber falar corretamente e a explicação dos poetas, tem, no fundo, mais do que se põe diante dos olhos.”]. Em seguida, em 1.8.5, ele nos informa que Virgílio e Homero eram estabelecidos como os primeiros poetas a serem lidos (*Ideoque optime institutum est ab Homero atque Vergilio lectio inciperet...* [“por essa razão muito bem se estabeleceu que a leitura começasse com Homero e Virgílio...”]) Essa conjuntura educacional se consolida e se estende por grande parte da Idade Média, formando a recepção desses poetas clássicos.

Antes de percorrermos a opinião de Sêrvio, é forçoso ponderarmos sobre a importante questão da teoria dos gêneros poéticos<sup>12</sup>, que está estritamente conectada à nossa discussão. Gênero é um termo amplo, presente em diferentes instâncias de análise: gênero literário, gênero retórico, gênero textual, gênero do discurso. Trata-se de um campo muito controverso e delicado. Em Virgílio essa questão é notavelmente produtiva, especialmente nos estudos das *G.*: segundo Philip Hardie (1998, p. 28), estamos em certa zona de conforto com as poesias bucólica e épica, mas a poesia didática de Virgílio provoca estranheza: instruções sobre cultivo, árvores, vinhas, animais de grande porte e abelhas estão envoltas em misteriosas narrativas míticas, um verdadeiro teste para nossa recepção.

Um percurso por textos antigos deixa transparecer uma discussão desde o início polêmica. Em Platão (*R.*, 392c6-7), o personagem Sócrates parece discutir tipos de poesia quanto aos modos da elocução ou do estilo (*λέξις*, *léxis*), numa mudança de foco do conteúdo da Literatura para sua forma, ou dos discursos para o estilo. Platão concentra sua atenção na narrativa. Nesse caso, uma noção de gênero parece subjazer às formas da *λέξις*: poesia épica se faz pela mistura de imitação e narração; a poesia dramática se faz por pura imitação; e o ditirambo se faz por narração simples. Para Aristóteles (*Po.*, 1447a13-18), poesia é imitação, e seus tipos se determinam pela harmonia dos critérios de meio (incluindo o metro) objeto e modo. O que, para Platão, são formas da *λέξις*, para Aristóteles são o critério de modo. Para o estagirita, os gêneros parecem se formar a partir da combinação desses três critérios, (*Po.* 1448a9-18 e 1448b33-38). A ideia de modelo, por sua vez, é, ao que tudo indica, um desenvolvimento alexandrino. Costuma-se pensar que Calímaco fez uso da noção de filiação literária, apontando para seus modelos poéticos, nos *Aetia* (fr. 2 e 112 Pf.), Hesíodo, em seus jambos (fr. 119 Pf.), Hipónax de Cólofon (ca. 540 ou 537-? a.C.); em adição, Calímaco também contribuiu para a ideia de cânone entre os alexandrinos; seria de sua autoria um catálogo em 120 livros ou rolos, os *Πίνακες* (*Pínakes*) ou 'listas'.<sup>13</sup>

A produção e a crítica literária latinas parecem ter reclamado a herança alexandrina para a construção de seus modelos e de sua tradição (CONTE, 1986, p. 26-7). Horácio (*Ars P.*, v. 73-85,<sup>14</sup> uma espécie de cânone sucinto de

<sup>12</sup> Um panorama teórico pode ser visitado em Costa (2014, p. 4-17).

<sup>13</sup> Cf. Pfeiffer (1968, p. 126-8). Nesse catálogo, todo o corpo da literatura grega estaria dividido em três classes: "retórica" (fr. 430-2 e 443-8 Pf.), "leis" (fr. 433 Pf.) e "escritos de todos os tipos" (fr. 434-5 Pf.). Em alguns fragmentos se verificam partes dedicadas a diferentes tipos de textos, entre eles tipos poéticos: épicos (fr. 452-3 Pf.), líricos (fr. 441 e 450 Pf.), trágicos (fr. 449?, 451 Pf.), cômicos (fr. 439-40 Pf.), filosóficos (438?, 442 Pf.), historiográficos (fr. 437 Pf.) e médicos (fr. 429? Pf.).

<sup>14</sup> *Res gestae regumque ducumque et tristia bella| quo scribi possent numero, monstravit Homerus;| uersibus impariter iunctis querimonia primum,| post etiam inclusa est uoti sententia compos;| quis tamen exiguos elegos emiserit auctor,| grammatici certant et adhuc sub iudice lis est;| Archilochum*



tipos poéticos) empregou um termo chave para a discussão sobre o modelo, *auctor*, v. 77, para falar de uma espécie de “poeta inventor” de um gênero poético. C. O. Brink (1971, p. 167), apoiado em *Pseudo Acrão* e na definição do TLL 2.0.1205.31, sugere para o termo a ideia de “originador”, ideia justificável em razão da ausência de um *auctor* para a elegia e a lírica. Contudo, noutra definição do TLL, 2.0.1207.52-3, que cita o v. 77 de Horácio, *auctor*, aplicado a escritores, sugere uma nuance de *primus*, “o primeiro”, que se torna, por conseguinte, um *exemplum*. Quintiliano (*Inst.* 10.1.46-100) também reúne, em seu cânone, os modelos (ou *auctores*) da poesia grega e latina para os gêneros poéticos.

Para sintetizar a questão, a noção de modelo, reforçada pela ideia de cânone, e os critérios aristotélicos de meio (que incluía o metro, um aspecto formal marcante), objeto e modo, foram importantes ferramentas para classificação dos gêneros poéticos em Roma. A questão do gênero poético, na presente discussão, mostra seu valor quando do confronto com os *genera dicendi*.

Pensemos agora estritamente em Sêrvio Honorato (ca. 360-430 d.C.). Influente fonte para as informações das *uitae* antigas e para os estudos medievais, parece ter percebido a distinção e a relação entre os *genera dicendi* e a *imitatio*. Em seu prefácio às *Ecl.*, Sêrvio empregou os *genera dicendi* como um parâmetro para construir sua visão geral das três obras canônicas de Virgílio:

*qualitas autem haec est, scilicet humilis character. tres enim sunt characteres, humilis, medius, grandiloquus: quos omnes in hoc inuenimus poeta. nam in Aeneide grandiloquum habet, in georgicis medium, in bucolicis humilem pro qualitate negotiorum et personarum: nam personae hic rusticae sunt, simplicitate gaudentes, a quibus nihil altum debet requiri.*

---

*proprio rabies armavit iambo;| hunc socci cepere pedem grandesque cothurni,| alternis aptum sermonibus et popularis| uincens strepitus et natum rebus agendis;| Musa dedit fidibus diuos puerosque deorum| et pugilem uictorem et equum certamine primum| et iuuenem curas et libera uina referre.* (“Em que metro se podem descrever os feitos dos reis, dos chefes, as tristes guerras, já o demonstrou Homero. O lamento, em tempo antigo, exprimia-se em versos desiguais que foram unidos: depois, neles se incluiu a satisfação de promessas atendidas. Sobre quem, no entanto, pela primeira vez criou as singelas elegias, discutem os gramáticos e ainda o litígio está em tribunal. Foi a raiva quem armou Arquíloco do jambo que a este é próprio: depois, a tal pé, adaptaram-no os socos e os grandes coturnos por mais apropriado para o diálogo, capaz de anular o ruído da assistência, visto ser criado para a ação. A Musa concedeu à lira o cantar deuses e filhos de deuses; o vencedor no pugilato e o cavalo que, primeiro, cortou a meta nas corridas; os cuidados dos jovens e o vinho que liberta dos cuidados.” Trad. de Rosado Fernandes, 1984). Os gêneros poéticos apontados por Horácio são: épico, elegíaco, jâmbico, dramático e lírico. De acordo com os critérios de Horácio, verifica-se que o gênero épico apresenta os seguintes padrões de classificação: o meio, *quo numero* (v. 74, o hexâmetro, metro épico); o objeto, *res gestae regumque ducumque et tristia bella* (v. 73); a maneira, *monstravit Homerus* (v. 74), ou “modo de quem”, *auctor*, o modelo, traduzido por R. Fernandes com ideia de “quem pela primeira vez criou” (v. 77).

Essa, porém, é sua natureza, a saber, o **estilo humilde** [falando das *Ecl.*]. Com efeito, **três** são os **estilos: humilde, médio, grandiloquente**, os quais encontramos, todos eles, em nosso poeta; pois, na *Eneida*, temos o **grandiloquente**, nas *Geórgicas*, o **médio**, nas *Bucólicas*, o **humilde**, devido à natureza das ações e dos caracteres, pois os caracteres são **rústicos**, contentes por sua **simplicidade**, dos quais não se deve exigir nada de **elevado**.

Dessarte, é possível perceber, na opinião de Sêrvio, um caminho progressivo do nosso poeta pelos três estilos (*humilis, medius, grandiloquus*), um critério retórico de qualificação para a poesia virgiliana. Noutro momento, no prefácio às *G.*, o comentador antigo empregou a noção de modelo, considerando também o critério composicional. Ora, há, neste prefácio, também uma ideia de progressão através dos próprios modelos.<sup>15</sup> Nas palavras de Sêrvio:

*Vergilius in operibus suis diuersos secutus est poetas: Homerum in Aeneide, quem, licet longo interuallo, secutus est tamen; Theocritum in bucolicis, a quo non longe abest; Hesiodum in hislibris, quem penitus reliquit. Hic autem Hesiodus fuit de Ascra insula, qui scripsit ad fratrem suum Persen librum, quem appellauit ἔργα καὶ ἡμέρας, id est “opera et dies”. Hic autem líber continet quemadmodum agri et quibus temporibus sint colendi. Cuius titulum transferre noluit, sicut bucolicorum transtulit, sicuti Aeneidem appellauit ad imitationem Odysssiae: tamen eum per periphrasin primo exprimit uersu, dicens: “indicabo quo opere et quibus temporibus ager colendus sit”. Ingenti autem egit arte, ut potentiam nobis sui indicaret ingenii coartando lata et angustiora dilatando; nam cum Homeri et Theocriti in breuitatem scripta collegerit, unum Hesiodi librum diuisit in quattuor.*

Virgílio, em suas obras, **seguiu diversos poetas: Homero** na *Eneida*, a quem seguiu embora com uma longa distância; **Teócrito** nas *Bucólicas*, de quem não dista muito; **Hesíodo** nestes livros, a quem superou profundamente. Este Hesíodo, por sua vez, foi da

<sup>15</sup> Além disso, um importante detalhe do prefácio às *G.* de Sêrvio nasce da tentativa de caracterizar o gênero poético ou, talvez, o subgênero praticado por Virgílio nas *G.* Uma abordagem detalhada sobre a noção de subgênero encontra-se em Alastair Fowler (2002, p. 111-18). Em linhas gerais (*op. cit.*, p. 112), gênero e subgênero compõem como que uma família cujos membros, de algum modo diferentes entre si, compartilham aspectos comuns, mormente aspectos formais. Essa temática, aplicada às *G.* mostra-se muito produtiva (para indicações bibliográficas e a questão relacionada aos prefácios de Sêrvio, ver MUNIZ, 2017, p. 106-109).

Ilha de Ascra. Foi ele que escreveu ao seu irmão Perses um livro, que chamou ἔργα καὶ ἡμέρας, ou seja, *Os Trabalhos e os Dias*. Esse livro contém de que maneira e em quais tempos os campos devem ser cultivados, título que ele não quis traduzir, como traduziu o das *Bucólicas*, e como chamou *Eneida em imitação* à *Odisseia*: contudo, exprimiu-o por perífrase no primeiro verso, dizendo: “indicarei por qual trabalho e em quais tempos o campo deva ser cultivado”. Agiu, porém, com grande arte, para que nos indicasse a força de seu engenho, abreviando as coisas mais extensas e expandindo as mais breves. Pois, uma vez que resumiu os escritos de **Homero** e **Teócrito**, um só livro de **Hesíodo** ele dividiu em quatro.

Os modelos indicados por Sêrvio são Teócrito, Hesíodo e Homero. Vale notar que, no cânone poético de Quintiliano (*Inst.* 10.1.46-100), esses três poetas gregos estão listados entre os que praticaram poesia épica. Curiosamente, Horácio (*Ars P.* v. 74) lista em seu cânone apenas Homero como o grande modelo para poesia épica. O conceito de *aemulatio*, nos parece, também se faz percebido, ainda que sutilmente: de acordo com o juízo de Sêrvio, parece que Virgílio não só desejou revelar seu modelo nas *G.*, mas também expressou seu projeto de superá-lo (*quem penitus reliquit*). Uma metáfora do caminho, expressa pela ideia de “seguir o modelo” – ao modo da imagem de um discípulo em relação ao seu mestre – é notável. A ideia de progressão agora adquire uma complexa configuração.

## 2. A questão dos *genera dicendi* nas *uitae antiquae*: construindo a recepção

Nas *uitae* antigas, a relação do poeta com a oratória parece ambígua. Ele teria estudado com o retórico Epídio (*cf. Vita Bernensis I*, in ZIOLKOWSKI, J. M.; PUTNAM, M., p. 249-50), no entanto, teria defendido uma única causa, mas sem sucesso (*cf. Vita Suetonii uulgo Donatiana*, 15-16, in ZIOLKOWSKI, J. M.; PUTNAM, M., p. 183). Não se pode desconsiderar, contudo, que para a antiguidade tardia a poesia de Virgílio, mormente a *Aen.*, abundava em exemplos de declamações históricas e míticas, as chamadas *suasoriae*. “Foi Virgílio um poeta ou um orador?” Essa é uma questão tratada no diálogo fragmentado de Públio Ânio Floro (*ca. 80-ca. 122 d.C.*), em que ele reconhece que o mantuano foi bem-sucedido como poeta e orador (*cf. ZIOLKOWSKI, J. M.; PUTNAM, M., p. 60-1*), ou seja, o mais elevado poeta poderia também ser reconhecido como o mais elevado orador; esse diálogo revela que a questão

retórica, nos primeiros séculos da era cristã, de algum modo chamava a atenção da crítica virgiliana.<sup>16</sup>

As *uitae* que dedicam espaço para relação dos poemas virgilianos com os *genera dicendi* são a conhecida *Vita Suetonii uulgo Donatiana* (VSD) (texto completo em ZIOLKOWSKI, J. M.; PUTNAM, M., 2008, p. 181-99), a *Vita Philargyrii I* (*op. cit.*, p. 212-20)<sup>17</sup>, *Vita Vossiana* (*op. cit.*, p. 289-92) e a *Vita Noricensis I* (*op. cit.*, p. 278-80).

## 2.1. *Vita Suetonii uulgo Donatiana*

Élio Donato (ca. séc. IV d.C.), em uma das mais extensas *uitae antiquae* de Virgílio, faz uma espécie de revisão de uma das primeiras *uitae* do nosso poeta feita por Suetônio (ca. 70 - 130 d.C.), no *De uiris illustribus*. Em VSD 58-9, Donato viu as três obras de Virgílio incorporando cada um dos *genera dicendi*:

*Restat ut, quae causa uolunt at emat tulerit poetae Bucolica potissimum conscribendi, considerare debeamus. Aut enim dulcedine carminis Theocriti ad imatationem eius illectus est, autor dinem temporum secutus est circa uitam humanam, quod supra diximus, aut cum **três modi** sint **elocutionum**, quos χαρακτήρας Graeci uocant, ισχνός qui **tenuis**, μέσος qui **moderatus**, ἄδρός qui **ualidus** intelligitur, credibile erit Vergilium, qui in omni genere praevaleret, Bucolica ad primum modum, Georgica ad secundum, Aeneidem ad tertium uoluisse conferre.*

Devemos, de resto, considerar que causa teria motivado o desejo do poeta de compor as *Bucólicas* em primeiro lugar. Ou, pois, pelo encanto da poesia de Teócrito ele foi seduzido à imitação, ou ele seguiu a ordem das idades em torno da vida humana, como dissemos acima, ou, uma vez que *três* são os *estilos de expressão*, que os gregos chamam [χαρακτήρας] “caracteres”, o [ισχνός]

<sup>16</sup> Macróbio (ca. 400 d.C.), no início do quinto livro de seus diálogos, as *Saturnalia*, propõe uma discussão sobre o valor retórico de Virgílio em relação a Cícero. Em sua fala (*Sat.* 5.1.2), Avieno, dirigindo-se a Eusébio – ambos personagens do diálogo –, assim diz: ‘*dicas mihi uolo, doctorum optime, si concedimus, sicuti necesse est oratorem fuisse Vergilium, siquis nunc uelit orandi artem consequi, utrum magis ex Vergilio aut ex Cicerone proficiat?*’ (“Quero que me digas, ó mais excelente dentre os doutores, se reconhecemos, como é mister, que Virgílio foi um orador, então, se alguém deseja alcançar a arte de falar, ou se aperfeiçoa com Virgílio ou com Cícero?”); mais à frente, em 5.1.4, Eusébio, reconhecendo a dificuldade da comparação proposta, ousa apenas dizer, em relação a Virgílio, que *facundia Mantuani multiplex et multiformis est et dicendi genus omne complectitur* (“a facúndia do mantuano é complexa e multiforme e compreende cada um dos gêneros do dizer”).

<sup>17</sup> Também presente no Vol. III, Fasc. II de THILO, G.; HAGEN, H. (eds.) *Servii Grammatici qui feruntur in Vergilii carmina commentarii*. Hildesheim: Olms, 1986. O texto da *Vita Philargyrii I* vem acompanhado em paralelo com a *Vita Philargyrii II*. Esta segunda *Vita*, também atribuída a Júnio Filargírio, é mais breve que a primeira.

“simples” que significa *tênue*, o [μέσος] “médio”, *moderado*, e o [ἄδρός] “poderoso”, *forte*, seria verossímil que Virgílio, para que prevalecesse em cada gênero, quis atribuir as *Bucólicas* ao primeiro modo, as *Geórgicas* ao segundo e a *Eneida* ao terceiro.

A passagem citada segue o momento em que Donato enumera uma série de explicações sobre a origem da poesia bucólica (VSD 51-6). Qualquer que seja a explicação correta, o mais provável, segundo Donato (57), é que essa poesia encontre correspondência nos tempos antigos (*priscis temporibus*), em que os homens viviam como pastores: pela simplicidade dos caracteres (*simplicitate personarum*), a existência deles poderia ser identificada com a idade de ouro. Segundo Donato, o mantuano, em sua poesia, seguiu uma ordem das idades (*ordinem temporum*), uma progressão pelos *genera* e pelos estilos de vida: ele canta primeiro os pastores (*pastores*), depois os agricultores (*agricolas*) e, por fim, os guerreiros (*bellatores*).

## 2.2. *Vita Philargyrii I*

Também conhecida como *Vita Philargyriana I*. Trata-se de um texto atribuído a Júnio Filargírio (também grafado em latim *Philagrius*), um gramático certamente ativo na segunda metade do séc. V. Os textos atribuídos a Filargírio são conhecidos por explorar em mais detalhes as *Ecl.* e as *G.*; desse modo, algumas noções parecem servir a análises específicas das duas primeiras obras de Virgílio. Essa extensiva *uita* se apropinqua da *VSD*, com alguns cortes e acréscimos, os últimos, citações de Jerônimo. Em relação à *VSD*, não há informações novas, a *Vita Philargyrii* reforça o papel que Virgílio já exercia sobre a erudição por volta do século V. Para nosso propósito, vale destacar o que o texto traz sobre os *genera dicendi*.

*In nomine Dei summi in Bucolica pauca ordinantur fona: Virgilius in operibus suis secutus est diversos poetas, Homerum in Aeneidis, Theocritum in Bucolicis, Hesiodum in Georgicis. Et cum Georgica scriberet, traditur cotidie meditatus a mane plurimos versus dictas se solitus ac per totum diem retractando ad paucissimos redigere.*

*Tres modi locutionum sunt, quos characteras Graeci vocant, ICXNOC, qui tenuis, mesos, qui moderatus, adros, qui validus intellegitur. Tribus*

*modis carmen inducitur*.<sup>18</sup> (ZIOLKOWSKI, J. M.; PUTNAM, M., 2008, p. 212)

Em nome do Deus Supremo, seguem algumas poucas considerações às *Bucólicas*: Virgílio em suas obras seguiu diversos poetas, **Homero** na *Eneida*, **Teócrito** nas *Bucólicas*, **Hesíodo** nas *Geórgicas*. Quando escrevia as *Geórgicas*, conta-se que cotidianamente costumava meditar, desde a manhã, e compor muitos versos e, ao longo do dia, reunia-os, reduzindo-os a pouquíssimos.

Três são os modos do dizer, que os gregos chamam de estilos: **ICXNOC** (ἰσχνός) entendido como **tênue**, **mesos**, como **moderado**, e o **adros**, como **elevado**. Um poema se insere em um dos três modos.

É possível perceber uma nuance religiosa no texto, e a semelhança com o prefácio serviano às *G.* é notável: os modelos, em ordem diferente, são os apontados por Sêrvio (Homero, Teócrito e Hesíodo). Depois dos modelos, a *uita* passa para os estilos. Numa espécie de transliteração dos termos retóricos gregos – alguns presentes em Quintiliano (*Inst.* 12.10.58), os mesmos presentes em Aulo Gêlio (*NA* 6.14) – os *genera dicendi* ou *modi locutionum* nas obras virgilianas são tênue, moderado e elevado.

*Quaeritur, quo ordine Virgilius sua carmina composuerit. Et merito non aliunde coepit nisi ab ea uita, quae prima in terris fuit. Nam postea rura culta et postremum pro cultis terris bella suscepta, quod uidetur Virgilius in ipso ordine operum suorum uoluisse monstrare, cum pastores primo, deinde agricolas canit et ad ultimum bellatores. Ergo incultam primum et pastoralem uitam hominibus fuisse Bucolicis indicat, post necessarias mortalibus fruges, et usum agrorum inuentum*

<sup>18</sup> Após essa descrição dos *modi locutionum*, o texto de Filargírio traz uma descrição dos *modi dicendi*, “os modos do dizer”: *Est enim modus dramaticos, est exegeticos, est mictos. Dramaticos est, in quo personae inducuntur; exegeticos, qui et didascalicos dicitur, in quo poeta solus loquitur; mictos est ex utroque constans.* [Há, com efeito, o modo **dramáticos** (dramático), o **exegeticos** (narrativo), e o **mictos** (misto). O **dramaticos** é modo em que as personagens representam; o **exegeticos**, que se diz **didascalicos**, em que apenas o poeta; o **mictos** é o que se forma de ambos.]. Essa distinção, de teor platônico, retorna aos princípios da teoria dos gêneros poéticos no livro terceiro da *República*: o dramático, o narrativo e o misto. Não fica claro como esses *modi* devem ser aplicados na poesia de Virgílio. Hasegawa (2011, p. 54-58) nos lembra que Sêrvio, em comentário à *Ecl.* 3, ora aplica os modos às *G.* (modo narrativo nos três primeiros livros), ora à *Aen.* (modo misto), ora às *Ecl.*, nas quais os três modos estariam presentes: modo narrativo na *Ecl.* 4, modo misto na *Ecl.* 10, modo dramático na *Ecl.* 3. Lição semelhante encontra-se nos comentários às *Ecl.* e *G.* de Probo (com diferenças nos exemplos) e em gramáticos como Diomedes (*Art. Gramm.* 3.482.14-25).

*Georgicis ostendit, perinde cupiditate possidendi extensione finium ad arma usque peruentum est.*

*Ut tres modi locutionum sunt, quos characteras Graeci uocant, tenuis, moderatus, ualidus, credibile erit Virgilium, qui omni genere scientiae praeuuleret, Bucolica ad primum modum, Georgica ad secundum, Aeneida ad tertium uoluisse conferre.*

Pergunta-se **em que ordem** Virgílio compôs seus poemas. Com razão não começou por outro lugar que não fosse pela vida que primeiro houve na **terra**; então, parece que Virgílio quis mostrar depois os **campos** cultivados e, por fim, as **guerras** empreendidas por terras cultiváveis, na mesma ordem de suas obras, uma vez que ele primeiro canta os **pastores**, depois os **camponeses** e por último os **guerreiros**. Assim, primeiro demonstra que os homens tiveram, nas *Bucólicas*, uma inculta vida **pastoril**; depois da necessidade de **searas** aos mortais, mostra nas *Geórgicas* a descoberta do proveito dos **campos**, de igual modo, pela ambição da difusão de fronteiras, chegou até as **armas**.

Como três são os modos, que os gregos chamam de estilos, o **tênu**e, o **moderado** e o **elevado**, será crível que Virgílio, que era proeminente em todo gênero de conhecimento, quis atribuir as *Bucólicas* ao primeiro modo, as *Geórgicas* ao segundo, a *Eneida* ao terceiro.

Nosso recorte do texto de Filargírio termina com a questão da ordem dos poemas. A ideia de progressão, que vimos entre os *genera dicendi*, aqui parece se aplicar à temática dos poemas. As *Ecl.* cantam a vida na terra como que onírica e idílica, de campos não cultivados; as *G.* cantam a vida do campo lavrado, resultado do trabalho com a terra; a *Aen.* canta a guerra e os combates pelas riquezas que a terra produz. O que mais chama a atenção é a tipificação dos elementos que figuram em cada uma das obras: pastores, camponeses e guerreiros; a vida pastoril, as searas e as armas. Essa tipificação ajuda a construir a recepção e a erudição da poesia virgiliana. Por fim, os *genera dicendi* são aplicados aos poemas, como vimos em Sérvio e na *VSD*.

### 2.3. *Vita Vossiana*

O manuscrito,<sup>19</sup> que data do séc. IX, pertence à Bibliothek der Rijksuniversiteit, em Leiden. Trata-se de um texto sucinto, uma ligeira descrição da vida de Virgílio e uma breve lista de questões sistemáticas – hoje designadas de *periochae* – sobre lugar, tempo, pessoa, amigos, detratores, imitação e as três partes do conhecimento relacionadas aos poemas. Vejamos as duas últimas questões conectadas, na sequência, a uma apreciação dos estilos.

*Hos imitatus est in sua arte: Teocritum Siracusanum in Bucolicis, Isiodum Ascreum in Georgicis, Homerum in Aeneidis coangustando lata et dilatando angusta. Nam cum Teocriti dicta in brevitatem collegerit, unum Isiodi librum diuisit in IIIor, quia inspexit quatuor diuisiones terrae: aruum, consitum, pascuum, floridum agrum.*

*Tres partes in hac arte inueniuntur: phisica in Bucolicis, id est, naturalis, ethica in Georgicis, id est, moralis, loica [= logica] in Eneidis, id est, rationalis.*

*Tria quoque sunt genera locutionum, id est, humile, medium et sublime. Animaduertere debemus Virgilium iuxta ordinem uitae mortalium carmina composuisse, primum incultam et pastolarem [sic] uitam hominibus fuisse in Bucolicis indicauit. Postea necesse fuit mortalibus fruges, et usum agrorum mortalibus inuentum Georgicis ostendit. Vbi cupiditatem habendi ex contentione finiuit, et ad arma usque peruenit.*

Ele imitou em sua poesia estes [modelos]: o siracusano **Teócrito** nas *Bucólicas*, o ascreu **Hesíodo** nas *Geórgicas*, **Homero** na *Eneida*, abreviando o que era amplo, ampliando o que era breve, uma vez que abreviara as palavras de Teócrito, e um único livro de Hesíodo dividiu em quatro, pois considerou que quatro são as divisões da terra: o campo arado, o semeado, o pastado e o florido.

Na sua poesia encontram-se três partes: nas *Bucólicas*, a **física**, ou seja, natural, nas *Geórgicas*, a **ética**, ou seja, moral, na *Eneida*, a **lógica**, ou seja, racional.

Três também são os gêneros do dizer: o **humilde**, o **médio** e **sublime**. Devemos notar que Virgílio compôs seus poemas na ordem da vida dos mortais: indicou, nas *Bucólicas*, que primeiro os

<sup>19</sup> MS Vossianus F. 12, parte g.



homens tiveram uma vida inculta e pastoril. Depois os mortais necessitaram das searas, e ele mostrou, nas *Geórgicas*, as descobertas e proveito dos campos aos mortais. Quando concluiu com a ambição de conquistar pela guerra, e chegou até as armas.

No presente recorte da *Vita Vossiana*, a conexão com a *imitatio* é notável, valorizando um critério literário. Na sequência, os modelos, conforme a tradição virgiliana, à luz dos princípios retóricos, foram se consolidando ao longo dos séculos. A ideia de que Virgílio ampliou o que era breve e abreviou o que era amplo está, como vimos, presente no prefácio de Sérvio às *G. As tres partes* mencionadas na sequência estão presentes na *Vita Philargyrii I*.<sup>20</sup> Como nos informa Hasegawa (2011, p. 40), Filargírio “arrola as mesmas três obras virgilianas, relacionando-as aos três *genera dicendi*, mas a isso acrescenta a divisão filosófica e as personagens adequadas a cada gênero poético”. Por fim, a citação inclui a tradicional explicação dos *genera dicendi*, conectando a questão da ordem dos poemas.

#### 2.4. *Vita Noricensis I*

Datando do séc. IX, esta é uma das duas *uitae* que compõe um manuscrito<sup>21</sup> de um monastério beneditino em Caríntia, no sul da Áustria. Ao que parece, o manuscrito seria parte de um livro escolar escrito em Reichenau. A *uita* abre-se com uma breve lista de *periochae*, e fecha-se com uma também breve discussão sobre os estilos nos poemas virgilianos.

*Tria genera carminum sunt: humile eloquium, ut Bucolicon; medium eloquium, ut Georgicon; magnum eloquium, ut Aeneidon. Phisicam secutus in Bucolicis, ethicam in Georgicis, in Aeneidis loycam [sic].*

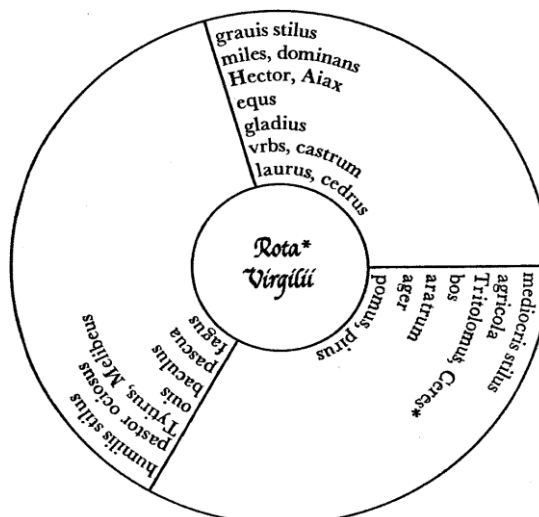
Três são os gêneros dos poemas: o discurso **humilde**, como nas *Bucólicas*, o discurso **médio**, como nas *Geórgicas*, e o discurso **grande**, como na *Eneida*. Ele [Virgílio] seguiu a **física** nas *Bucólicas*, a **ética** nas *Geórgicas* e a **lógica** na *Eneida*.

Essa breve *uita* sintetiza a construção da recepção virgiliana na relação entre as obras do poeta e os *genera dicendi*. Conforme a *Vita Vossiana*, a mesma divisão filosófica das obras é registrada.

<sup>20</sup>*Humile, medium, magnum; physica, ethica, logica; Bucolica, Georgica, Aeneades; naturalis, moralis, rationalis; pastor, operator, bellator. Physica, ethica, logica propter naturam, propter usum, propter doctrinam. [“Humilde, médio, grande; física, ética, lógica; Bucólicas, Geórgicas, Eneida; natural, moral, racional; pastor, operário, guerreiro. Física, ética e lógica por causa da natureza, por causa do uso, por causa da doutrina” (Trad. Alexandre Hasegawa, ibidem)].*

<sup>21</sup> MS Samblasianus 86, fólhos Ir-Iv.

As *uitae antiquae* ajudaram a construir a recepção das obras de Virgílio. O eco desses textos se faz perceber também nos comentários medievais posteriores como os de Conrad de Hirsau (1070-1150), Domenico diBandino (1335-1418) e, sobretudo, João de Garland (1220-58), autor da célebre *Parisiiana Poetria*, que, em 2.87-123, propõe uma ilustração mnemônica dos gêneros do estilo aplicados às obras do nosso poeta, a chamada *Rota Virgílii*:<sup>22</sup>



56

Na ilustração, ele codifica uma espécie de hierarquia dos *genera dicendi*, exemplificados em paralelo pelos tipos de personagens ou caracteres (as classes sociais, ao modo da *VSD* 57), pelos objetos, ambientação, plantas e animais predominantes em cada um dos três poemas.

Alguns detalhes importantes devem ser percebidos nos recortes das *uitae*: 1) quanto ao texto literário, as *uitae* reforçam o papel da Retórica, dos recursos e dos instrumentos de análise e de composição herdados dela, como os *genera dicendi* e o *decorum*; 2) do ponto de vista da poética clássica, as *uitae* dão provas do alcance da teoria dos gêneros poéticos, mormente pela presença da *imitatio* e da noção de modelo; 3) há nesses textos a presença de uma divisão filosófica aplicada aos poemas virgilianos; 4) as *uitae* demonstram haver comunicação entre os *genera*, a ideia de modelo – uma instância da *imitatio* – e divisão filosófica, comunicação esta que, nas obras de Virgílio, sutilmente dialoga com a questão de percorrer progressiva e hierarquicamente os *genera dicendi* em determinado gênero poético.<sup>23</sup>

<sup>22</sup> Ilustração tirada de THOMAS, R. F.; ZIOLKOWSKI, J. M., p. 748.

<sup>23</sup> Santos, M. M. (2000), em seu artigo que estuda a *Art. P.* de Horácio, discute a relação entre os gêneros poéticos e os *genera dicendi* nos termos de uma subordinação daqueles (mais específicos, como as partes) a estes (mais gerais, como o todo), numa discussão que valoriza a preocupação de Horácio em ensinar que os diferentes *genera* devem se ajustar à regra retórica do decoro (*Art. P.* v. 92). O estudioso, ademais, nos lembra de que Horácio, na *Art. P.*, toca na questão aqui discutida, a

## Conclusão

Os limites comunicativos entre retórica e poética, entre os antigos, são estreitos e intercambiáveis, quer na esfera da composição, quer na da análise. O enquadramento das obras de Virgílio nos três *genera dicendi*, na perspectiva da retórica latina antiga, nos leva a uma leitura dos estilos da poesia de Virgílio, uma via de interpretação que dialoga com aquela de um dos primeiros leitores de Virgílio, como Sêneca, na *Ep.* 86. Quando submetida a uma perspectiva retórica e literária, a contraposição de Sêneca entre a poesia que ensina e a poesia que deleita, ou entre uma função *docere* e uma função *delectare* das *G.*, abre o caminho de uma longa tradição e extensa recepção. Ademais, pelo ponto de vista da recepção, à medida que os leitores de Virgílio de todos os tempos reconheciam formas, categorias de análise e composição, gêneros etc., não só um sistema literário é desvelado, mas também é igualmente construído.

## REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. **Poética**. Tradução, comentários e índices analítico e onomástico de Eudoro de Souza. São Paulo: Nova Cultural (Os pensadores: Aristóteles, Vol. 2), 1991.

ARISTÓTELES. **Retórica**. Tradução de Manuel Alexandre Júnior, Paulo Farmhouse Alberto e Abel do Nascimento Pena. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

AULU-GELLE. **Les Nuits Attiques**. Tome II (livres V-IX) Texte établi et traduit par R. Marache. Paris: Les Belles Lettres, 1978.

BONNER, S. F. **Education in Ancient Rome from the Elder Cato to the Younger Pliny**. Berkeley: University of California Press, 1977.

CICERO. *De Oratore*. Ed. Kazimierz F. Kumanieck. Leipzig: Teubner, 1969.

CICERO. *Orator*. Ed. Rolf Westman. Leipzig: Teubner, 1980.

CONTE, G. B. **The Rhetoric of Imitation: genre and poetic memory in Virgil and other latin poets**. Transl. Charles Segal. Ithaca and London: Cornell University Press, 1986.

---

saber, da coordenação entre os gêneros de estilo e as funções do orador, por exemplo, v. 99-100, v. 333 e v. 344 (*op. cit.* p. 225-37).

COSTA, L. N. **Gêneros Poéticos na Comédia de Plauto**: traços de uma poética plautina imanente. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2014.

DIONYSIUS of HALICARNASSUS. **On Literary Composition**: being the greek text of the *De Compositione Verborum*. Edited with introduction, translation, notes, glossary, and appendices by W. Rhys Roberts. London: Macmillan, 1910.

DUCROT, O. & TODOROV, T. **Dicionário Enciclopédico das Ciências da Linguagem**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1998.

FOWLER, A. **Kinds of Literature**: an introduction to the theory of genres and modes. Oxford: Clarendon Press, 2002.

GLARE, P. G. W. (Ed.) **Oxford Latin Dictionary**. 2<sup>th</sup> ed. Oxford: Clarendon Press, 2012.

HARDIE, P. **Virgil** (Greece and Rome: New Survey in the Classics. N. 28). Cambridge: The Classical Association, 1998.

58

HASEGAWA, A. P. **Os limites do gênero bucólico em Vergílio**: um estudo das éclogas dramáticas. Coleção Letras Clássicas. São Paulo: Humanitas, 2011.

HORACE. **On Poetry**. Vol. 2: The 'Ars Poetica'. By C. O. Brink. Cambridge: University Press, 1971.

HORÁCIO. **Arte Poética**. Introdução, tradução e comentário de R. M. Rosado Fernandes. Lisboa: Editorial Inquérito, 1984.

LAUSBERG, H. **Manual de Retórica Literária**. 3 Vols. Madrid: Gredos, 1966.

LIVY. *Ab Vrbe Condita*. Ed. with transl. by Even Sage. Vol. 11, Books 38-39. Cambridge, Massachusetts: Loeb, 1936.

MACROBIUS. *Saturnalia*. (Vol. I) Ed. Jacob Willis. Leipzig: Teubner, 1970.

MUNIZ, L. **A cenografia discursiva das Geórgicas**. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2017.

PFEIFFER, R. **History of Classical Scholarship**: from the beginnings to the end of the Hellenistic age. Oxford: Clarendon Press, 1998.

PLATO. **On Poetry**: *Ion*, *Republic* 376e-398b; *Republic* 595-608b. Ed. P. MURRAY. Cambridge: University Press, 2003.

QUINTILIANUS. *Institutionis Oratoriae Libri Duodecim*. Tomus I (Libri I-VI); Tomus II (Libri VII-XII). Ed. M. Winterbottom. Oxford: OCT, 1970.

SANTOS, M. M. O *monstrum* da *Arte Poética* de Horácio. **Letras Clássicas**, n. 4, p. 191-265, 2000.

SENECA. *Ad Lucilium Epistulae Morales*. Tomus I (Libri I-XIII), Tomus II (Libri XIV-XX). Ed. L. D. Reynolds. Oxford: OCT, 1965.

*Thesaurus Linguae Latinae*. Online: Access brought by Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP.

THILO, G.; HAGEN, H. (eds.) *Servii Grammatici qui feruntur in Vergilii carmina commentarii*. 3 vols. Hildesheim: Olms, 1986.

THOMAS, R. F.; ZIOLKOWSKI, J. M. **The Virgil Encyclopedia**. 3 vols. Blackwell: Wiley-Blackwell, 2014.

TREVIZAM, M. **Prosa Técnica**: Catão, Varrão, Vitruvius e Columela. Coleção Bibliotheca Latina. Campinas: Editora da Unicamp, 2014.

VERGILIUS. *Bucolica et Georgica*. Eds. Silvia Ottaviano et Gian Biagio Conte. Teubner. Berlin: De Gruyter, 2011.

ZIOLKOWSKI, J. M. and PUTNAM, M. (Eds.) **The Virgilian Tradition**: the first fifteen hundred years. New Haven: Yale University Press, 2008.

Data de envio: 18/07/2022

Data de aprovação: 21/10/2022

Data de publicação: 31/10/2022